



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 19, v. 1
jan-jun.2023
p. 423-431

Virginie Despentes e Itziar Ziga – duas amigas dialogando sobre o feminismo¹

(Virginie Despentes e Itziar Ziga - two friends talking about feminism)

(Virginie Despentes e Itziar Ziga - dos amigas hablando de feminismo)

Itziar Ziga²

“Esse negócio de nascer mulher no tempo de Despentes é difícil e não sei por onde começar”. É assim que Rigoberta Bandini canta em um hino que nos faz gritar, sem parar, pulando em multidões eufóricas, “Quero ser cadela”³. Se essa suma sacerdotisa decidisse continuar repetindo o grito libertador até morrer, nós a seguiríamos com prazer. Não é a música em si, vai além da magia multitudinária da música. É a *akelarre*⁴ nas ruas, que não precisa mais se esconder. Em algum momento impreciso dos últimos anos, e isso não é um exagero, um incessante feminismo de séculos detonou um acelerador de partículas. Aquelas de nós que estiveram coletiva e obsessivamente envolvidas durante toda a vida contra o patriarcado, várias gerações de feministas muito variadas, de repente olhamos ao nosso redor e éramos milhões. Nunca tinha acontecido algo assim, nem em nossos melhores sonhos. Aconteceu em nível planetário e não há como voltar.

Não é por acaso que Bandini nomeia Despentes nesta canção libertadora, e nada solene, na qual ela literalmente pensa em ser uma cadela de quatro patas. Só poderia ser Despentes. Seu manifesto *Teoria King Kong*, publicado pela primeira vez em espanhol em 2008⁵, quando os livros feministas eram lidos apenas por feministas, chegou onde nenhum outro texto político jamais chegou. Também não estou exagerando agora. Milhões de meninas encontraram em suas páginas

1 Texto traduzido por Djalma Thürler (Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da UFBA, Brasil. E-mail: djalmathurler@ufba.br) e Helder Thiago Maia (Centro de Estudos Comparatistas, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa). E-mail: helderthiagomaia@edu.ulisboa.pt). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Entrevista inédita gentilmente autorizada para publicação por Itziar Ziga. Fotos de Rodrigo Van Zeller.

2 Autora do livro *Devenir perra* (Editorial Melusina, 2009), traduzido e publicado no Brasil em 2021 pela n-1 editora.

3 (NT) Trata-se de citação à letra da música “Perra”, de Rigoberta Bandini. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3pcBMfJn93Y>>. Acesso em 12 maio 2023.

4 *Akelarre* é um termo basco que significa “Sábado das Bruxas” ou “Sabbat”, local onde as bruxas realizam suas reuniões.

5 No Brasil, o livro foi publicado em 2016 pela n-1 editora.



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 12/05/2023
Aceito em 30/05/2023

arreatadoras, lúcidas e acolhedoras um desvio/um caminho/um caminho desviante para escapar das armadilhas que o patriarcado vem preparando para nós desde que nossas irmãs arderam em suas fogueiras, especialmente uma: “Se você se comportar bem, se você sempre sorrir e não incomodar, os machos e suas mulheres aliadas não irão atrás de você”. Não!, quem diz é uma tia vivida, rebelde, demolida/derrubada/caída e renascida: não há lugar seguro para nós, mulheres. Irão atrás de você porque podem, então ouse, se atreva, se poupe dessa fase. E elas o fizeram, é claro: nós não escolhemos ser dominadas.

Aos 22 anos, Virginie Despentes (Nancy, 1969) publicou sua primeira novela em uma editora alternativa: *Fóllame* foi um sucesso internacional e um escândalo. Em 2000 foi levada ao cinema, codirigindo o filme com uma atriz pornô amiga sua: Coralie Trinh Thi. Foi uma genialidade, sucesso internacional ainda maior. As duas diretoras e as duas atrizes foram declaradas inimigas públicas nº 1 do Estado francês. A acusação foi terrível e eu conheci Virginie nessa época. Ela veio para Barcelona com seu parceiro da época, o filósofo e propagador mais influente do século XXI, Paul Preciado, amigo e mestre de cerimônias pós-pornô da minha demoníaca manada *queer*. A cumplicidade e o amor se instalaram instantaneamente e para sempre. Despentes continuou a publicar romances best-sellers e a fazer filmes e, por mais que tenha sido odiada por todos os poderes, a genialidade de sua escrita é tão incontestável que hoje ela é uma das mais reconhecidas romancistas das letras francesas. Sua colossal trilogia *Vernon Subutex*, publicada entre 2015 e 2017, mais uma vez superou seus próprios sucessos anteriores. Seu *Apocalipsis bébé* (Random House) acaba de ser publicado em espanhol. Todos os tipos de imprensa sempre querem entrevistá-la, pois ela é excepcionalmente generosa e lúcida em sua análise de cada momento político. Ao lado dela, muitos que nos fizeram crer que eram sábios parecem galinhas sem cabeça. Ela fala sem afetada gravidade sobre assuntos importantes e muitas vezes o riso vem em seguida. Voltamos a nos encontrar em Barcelona, com a mesma alegria. O mundo mudou desde a última vez em que nos encontramos, o acelerador de partículas feminista começou a funcionar da noite para o dia.

ITZIAR ZIGA: Neste asfixiante patriarcado, estamos sempre procurando por uma garota morta. Sem eviscerar o romance, você se vingou das garotas mortas em *Apocalipsis bébé*?

VIRGINIE DESPENTES: Mas não estou procurando vingança com o romance. Quero construir outros arquétipos narrativos, personagens femininas que não correspondam ao que estamos acostumados a encontrar nos romances. Não acredito muito nas vantagens da vingança, mas contar as histórias das pessoas ao meu redor para que não sejam esquecidas, como eu as conheci, é muito importante para mim.





Virginie Despentes

ITZIAR ZIGA: Suas explosivas protagonistas encontraram libertação e *akelarre* em Barcelona, assim como nós. O que esta cidade ainda tem para você?

VIRGINIE DESPENTES: Nos conhecemos quando cheguei em Barcelona em 2007, eu precisava de um lugar como esse. A cena *queer* era muito diferente da de Paris, muito mais politizada, mais *punk*, mais radical no sentido de um modo de vida. Era um momento muito particular do mundo *queer* de Barcelona, ao qual você pertencia, havia muita energia, muita afetividade e, ao mesmo tempo, uma linguagem política. Na França, nesse mesmo momento, estávamos começando a pressionar pelo direito ao casamento gay e a ter filhos, coisas muito importantes, embora não me interelassem. Foi no mesmo momento em que conheci Paul Preciado, foi uma maneira superlegal de entrar e de nos conectarmos. Falo de pessoas que vivem vidas completamente diferentes, não das que estudam o *queer* na universidade, mas que o vivem. Uma maneira de viver, de pensar como o faço financeiramente, com todas as minhas emoções, não só com os meus pensamentos



políticos... e uma manada. Acho muito interessante produzir textos, produzir discursos, mas na política temos que produzir vidas reais para que haja uma mudança real, e não podemos fazer isso apenas na internet. Se não a vivemos, se não pensamos que vivemos melhor à nossa maneira e em comunidade política, nada mudará. Encontrei na Barcelona *queer* algo que conheci quando era jovem com a música *punk* em Lyon, um lugar onde você quer viver. Uma cidade trata você exatamente como uma pessoa, e Barcelona foi boa comigo. Aqui encontrei coletividade. Eu nem sequer falava espanhol quando cheguei, mas não foi um problema.

ITZIAR ZIGA: Nós nos conectamos tanto que, na verdade, eu nem lembrava que você não falava espanhol naquela época...

VIRGINIE DESPENTES: Para mim também foi legal não poder falar tanto, porque sou muito tímida, e às vezes é bom ficar quieta e observar.

ITZIAR ZIGA: Você não é mais Virginie em seus livros, ficou Despentes... (que também não é um sobrenome de família, você o escolheu porque é a rua das putas de Lyon).

VIRGINIE DESPENTES: Solicitei que Virginie fosse removido das capas e primeiras páginas. Estou farta do que meu gênero implica como escritora. Para mim e para os outras ainda é um desastre ser mulher e, por isso, decidi ficar sem o meu nome de mulher quando publico textos.

ITZIAR ZIGA: Você passou de inimiga pública número um do Estado francês depois de *Fóllame* a ter um reconhecimento incontestável. O mundo se aproximou nos últimos anos do desafio político de Virginie Despentes?

VIRGINIE DESPENTES: Duas coisas aconteceram, a primeira é que agora estou mais velha, não sou tão escandalosa como quando tinha vinte e cinco anos. Isso me deixa muito triste, mas é a verdade, agora sou uma velha escritora reconhecida (risos). E, por outro lado, agora já se passaram cinco anos desde o “Me Too”... Na França, antes do “Me Too”, o feminismo era considerado um assunto acabado, assim como tudo o que tinha a ver com o *queer*. E agora estamos em um ponto em que as coisas vão mudar novamente. Nos últimos dez anos, as pessoas pelo menos tiveram que dissimular seu anti-feminismo, sua misoginia, seu racismo, e acho que, agora, outra época de menos simulação está chegando, quando eles tentarão recuperar o terreno perdido.

ITZIAR ZIGA: O poder geralmente não costuma gostar de ser destronado...

VIRGINIE DESPENTES: Não precisamente.



ITZIAR ZIGA: O manifesto que transformou um monte de garotas em feministas (*Teoria King Kong*, 2008) foi escrito por uma *punk* que não ficou em casa depois de um estupro, que se prostituiu e contou sobre isso, que filmou cenas pornôns que em vez de culminar com uma ejaculação masculina, termina com duas garotas fronteiriças matando o ejaculador, que se declara uma sapatão radical... Você é o pesadelo do feminismo liberal!

VIRGINIE DESPENTES: O feminismo liberal é o nosso pesadelo! É muito *mainstream*, tem muitos recursos, tem muita voz, e acho que o êxito de *Teoria King Kong* é um pesadelo para esse feminismo. Para mim, como escritora, é um sonho. Quando escrevi o livro, não imaginava que ele teria tanta força, tanta vida e tantas leitoras. Espero representar perfeitamente tudo o que as feministas liberais odeiam. E não é um problema novo, estou lendo muitas feministas lésbicas dos anos 70 e naquele momento elas eram o problema do feminismo liberal, depois foram as profissionais do sexo, agora aqui são as transexuais e, na França, as árabes-muçulmanas. Tenho interesse em entender por que elas fazem isso, às vezes eu tento imaginar a partir da cabeça de uma feminista liberal, como eles lidam com isso, porque eles continuam... Por quê?

ITZIAR ZIGA: Amelia Valcárcel recentemente foi ao México para dizer-lhes, às tias mais exaltadas do mundo contra os feminicídios, que devemos guardar o conceito de gênero por um tempo sob o tapete, para que as mulheres trans não o tirem de nós.

(Virginie gargalha)



Virginie Despentes



ITZIAR ZIGA: As papisas que se levantaram aqui contra as trans, além de usarem argumentos que são despropósitos, destilam arrogância e classismo. Nos chamam de acunapenes⁶, mas não consigo pensar como alguém poderia proteger um pênis, enquanto elas estão casadas com senhores do mais alto *status*. É impossível que uma professora de filosofia não saiba que as barbaridades que repetem sobre as mulheres trans são um disparate. Hoje, elas não poderiam atacar as lésbicas com esse ódio...

VIRGINIE DESPENTES: Não nos atacam diretamente, mas é evidente que suas verdadeiras inimigas somos nós. E não é só *Teoria King Kong*, a maioria dos textos importantes do feminismo vem diretamente de nós. Até Simone de Beauvoir que, como sabemos, era lésbica, mais uma *queer*. Não dá para falar de feminismo sem falar de política em geral, nunca, mas agora menos ainda. Por causa das crises, a ‘classe das mulheres’ está na linha de frente da precariedade... Hoje me parece ainda mais incompreensível ser feminista liberal. Mas elas são e estão atacando às mulheres trans. Estou muito surpresa com o que estão mexendo/fazendo para que os direitos das mulheres trans não sejam ampliados aqui, com a estratégia delas. Como não se dão conta de que estão tomando o mesmo perigoso caminho daqueles que se opuseram, a partir da esquerda, com tanto ódio, ao casamento gay na França, e olhe como a França está agora. Sempre com essa homofobia de fundo, pedindo que por favor nos devolvam a importância da família, da mãe. Sempre contra o caos do *queer*.

ITZIAR ZIGA: Exatamente o mesmo discurso da extrema-direita.

VIRGINIE DESPENTES: Exatamente, e eles se unirão. E por isso me faz lembrar tanto o que aconteceu na França em 2013 para aprovar o casamento gay, que custou tanto, onde se juntaram à extrema-direita. E quando você se aproxima da extrema-direita, a extrema-direita te engole.

ITZIAR ZIGA: Com a imagem tão revolucionária e iluminadora para o resto do mundo que o Estado francês tem de si mesmo...

VIRGINIE DESPENTES: Tudo está mudando na França, nos últimos vinte anos essa miragem de democracia caiu. Agora temos a extrema-direita muito perto do poder e estamos mais perto da Hungria ou da Itália, há um desejo muito grande pelo fascismo. Mas não sei se vai continuar assim, se vamos continuar por mais uma década na mesma merda, acho que isso

6 (NT) Acunapene é o nome como as radfem chamam as mulheres autodenominadas feministas que supostamente tolerariam algum machismo para não ferir os homens e seu orgulho. Tem sido muito usado em Espanha no contexto da transgeneridade feminina.



pode mudar rapidamente. Vejo muitos jovens, dentro e fora da comunidade *queer*, que mudaram muito, e acredito que é uma mudança profunda. Talvez o que esteja por vir seja diferente. Eles sabem ler a internet, sabem quando estão sendo enganados. E com os não-binários, eles cresceram com isso e eu os vejo levando a sério, às vezes nem são *queers*. Contra o racismo eles também têm as coisas muito mais claras. Na França, a acusação de terrorismo é muito usada contra os outros, contra os muçulmanos, como a Espanha fez contra vocês. Você estava me contando sobre como eles fecharam jornais aqui, na França eles estão fazendo isso da mesma forma contra grupos muçulmanos que não fizeram nada além de ser muçulmanos. Mas vejo muitos jovens que têm clareza disso, são superinteligentes. Eles vivem algo que ainda não conhecemos.

ITZIAR ZIGA: Eles nos ultrapassaram, sinto como se nosso desafio ao patriarcado e às injustiças sistêmicas tivesse ganhado fôlego com os mais jovens, e isso é maravilhoso. É como se o mundo tivesse sido invadido por nossas filhas bastardas, por nossos filhos bastardes. E não falam a partir da rebeldia adolescente das gerações anteriores, mas com convicção.

VIRGINIE DESPENTES: Maravilhoso. Veremos o que acontece, vejo um feminismo liberal forte, mas também vejo estes jovens que estão indo muito além do que pensávamos. E eles têm convicções, ideias super trabalhadas. Assim como vejo jovens lésbicas e gays que dizem isso em casa e ninguém chora, e ninguém grita. Essa é a primeira geração que isso acontece, não em todas as casas, mas acontece. Famílias que quando sua filha ou filho diz que é transexual, decidem apoiá-los. Isso é novo. Quero muito ver o que vai acontecer na próxima década, o que os jovens de hoje vão nos trazer. Quando éramos tão jovens, víamos as mulheres da nossa idade como senhoras. E agora elas vêm me ver e me dizem: “Me interessa o que você está dizendo”. E eu digo: uauuu!

ITZIAR ZIGA: O diálogo com eles é apaixonante...

VIRGINIE DESPENTES: Eles têm o problema de como lidar com as redes sociais que trazem muitos problemas novos que a gente não entende direito. As redes sociais mudaram tudo. Em relação à violência machista, eu acho que às vezes precisam deixar de ser muito vulneráveis. Vejo muitas reclamações sobre o consentimento reduzido à resposta sexual da mulher, como se o mais importante para uma mulher fosse a sua sexualidade e quando ela dá alguma coisa, mas ninguém se importa com o consentimento em relação ao trabalho. É preciso consentir também quando você vai trabalhar, ou quando compra algo, ou quando paga por algo. Penso que é preciso trazer a ferramenta do consentimento e colocá-la em funcionamento para todas as questões da vida, porque caso contrário não funcionará bem. Fala-se muito sobre consentimento em profissionais do



sexo, o que me parece justo, mas é preciso pedir para todos os trabalhos. Existe dignidade, você se sente bem? E nas redes sociais, o Sr. Elon Musk se torna o chefe do Twitter e vejo que os usuários gratuitos, que são os que fazem o Twitter, não cancelam suas contas. Não há resposta. Com o Twitter não há consentimento de verdade e é por isso que o Sr. Elon Musk é tão importante.

ITZIAR ZIGA: Devemos nos levantar contra as grandes empresas de tecnologia que acumulam tanto poder, mas ainda não sabemos como. Meu jeito é não participar de redes sociais, mas sei que a deserção não vai ser a resposta coletiva...

VIRGINIE DESPENTES: Eu também não estou no Twitter, não estou porque quero me proteger. E, como você, temos seguidores de outras formas, porque já os conquistamos antes, mas para quem tem vinte anos é impensável. Para mim, o Twitter é muito parecido com o crack, é uma droga que te desumaniza muito, mas não te deixa escolha. Não que você goste muito de crack, mas não consegue largá-lo. Eu tenho muitos amigos agora viciados e não estão felizes com o crack, não é como a heroína. Nem com o crack nem com o Twitter estão felizes, mas não podem sair dele.

ITZIAR ZIGA: Vamos terminar falando sobre nossa amada Madonna...

VIRGINIE DESPENTES: Sim, vamos falar sobre Madonna, por favor.

ITZIAR ZIGA: Em seu último vídeo com a artista dominicana de *reggaeton* Tokischa, Madonna aparece como uma Nosferata, uma antiga vampira poli-operada, libidinosa, dançando e se tocando com garotas quarenta anos mais jovens... no final ela tem legiões de cadelas para brincar.

VIRGINIE DESPENTES: E ela encontrou em Tokischa a melhor das cadelas... O que me interessa na Madonna é que ela não liga para o respeito. Normalmente aos 60 anos você começa a se comportar como uma senhora. Até Courtney Love se tornou séria. Madonna não, ela é a única. Depois dos 60 anos, ela nos ensina o caminho novamente, como sempre fez. Agora acho que talvez daqui a dez anos eu faça um filme pornô, nunca tinha pensado nisso, e graças a ela acho que os 60 anos podem ser uma idade adequada para fazer pornografia. Para nós, as feministas radicais da Europa e da América do Norte, que crescemos nos anos 80, 90, para as sapatões e os gays, Madonna foi fundamental. Se não a odiassem tanto compreenderiam que em nível do discurso político-feminista foi a mais importante daqueles anos. Ela nos ensinou como misturar nosso trabalho, com nossos pensamentos, com nossas leituras antigas e, acima de tudo, com essa alegria, com esse entusiasmo. A primeira vez que vi lésbicas foi há trinta anos em seu livro S.E.X.,



e realizei meu desejo. Bem, havia pornografia heterossexual, mas essas lésbicas não são muito interessantes. As lésbicas não são o melhor do pornô hétero (risos). Ela trouxe à tona o imaginário de S.E.X.. a partir do trabalho do fotógrafo intersexual Del Lagrace Volcano, ela sempre fez isso. Foi também a primeira vez que vi cenas BDSM (Bondage Discipline Sado-Masochism)...

ITZIAR ZIGA: A primeira vez que vimos transmasculinos e drag kings, em seu vídeo “Justify My Love”. Era 1990! Eu estava realmente excitada por eles e nem sabia o que estava assistindo. E isso não importava...

VIRGINIE DESPENTES: Não importava, ou importava muito. Alguns passaram a carreira inteira dela, quarenta anos, atacando-a sem parar, e ela não se moveu de seu lugar. Acho que ela precisa fazer um trabalho para terminar de entender o pós-colonialismo, coisas de feministas brancas. Acabei de entender, sempre quis fazer algo com você, Itzi: vamos fazer um filme sobre a Madonna...



Virginie Despentes e Itziar Ziga

